

## INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO PARA ESTUDANTES DE CURSINHOS POPULARES: A EVASÃO COMO PROBLEMÁTICA\*

### SELF-ASSESSMENT INSTRUMENTS FOR STUDENTS OF POPULAR COURSES: SCHOOL DROPOUT AS A PROBLEM

Luciana Maria Lunardi Campos\*\*  
Natália Harue da Cruz\*\*\*

**RESUMO:** O presente estudo teve por objetivo elaborar um instrumento de autoavaliação e analisar a viabilidade de sua utilização junto a estudantes de um cursinho pré-universitário, vinculado a uma universidade pública do estado de São Paulo. Esta proposta avaliativa visa possibilitar aos estudantes a realização de um exercício de autocritica e de reflexão sobre o desempenho e as dificuldades no decorrer do curso e justifica-se pelos altos índices da evasão em cursinhos populares. O instrumento foi elaborado com três eixos: identificação, desempenho geral e dificuldades, para ser utilizado mensal e individualmente pelos/as estudantes. A cada autoavaliação, o/a estudante recebeu uma nova ficha para preenchimento dos mesmos aspectos e os dados das autoavaliações anteriores para analisá-los e compará-los com as novas respostas. Participaram do estudo duas turmas de extensivo, num total de 21 estudantes. Os resultados foram organizados em: instrumentos elaborados e aplicação do instrumento e indicam que o instrumento proporcionou uma nova experiência aos estudantes e que dificuldades, desmotivação e evasão estão relacionados à dimensão subjetiva, que só pode ser compreendida em articulação com à objetiva.

**Palavras-chave:** Cursinho pré-universitário; Autoavaliação; Evasão Escolar.

**ABSTRACT:** The present study aimed to develop a self-assessment tool and analyze the feasibility of its use among pre-university students course from a public university from the state of São Paulo. This proposes evaluation method aims to lead the students to perform an exercise of self-criticism, reflecting on the performance and difficulties that are found during the course period and justified by the high evasion rates in popular courses. The instrument was elaborated with three axes: identification, general performance, and difficulties, to be used monthly and individually by the students. At each self-assessment, the student received a new form to fill in the same aspects and data from the previous self-assessments to analyze and compare them with the new answers. A total of 21 students participated in the study. The results were

---

\* Resultados parciais da pesquisa foram apresentados no V Congresso Nacional Sobre Avaliação (V CONAVE) em 2018.

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Docente da Unesp. Contato: luciana.lunardi-campos@unesp.br

\*\*\* Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e graduanda em Pedagogia pela Unesp. Contato: natiharue@gmail.com

organized in how the self-assessment was elaborated and its application and indicate that instrument provided a new experience for students and that difficulties, demotivation and evasion are related to the subjective dimension, which can only be understood in articulation with the objective.

**Keywords:** Pre-university Coursework; Self- Evaluation; School Dropout.

## INTRODUÇÃO

Na sociedade capitalista, a manutenção das diferenças entre as classes sociais está pautada no capital financeiro, e também no capital cultural, o que implica na necessidade de, segundo Kato (2011, p.7), “que as frações de classe hegemônicas não estejam no mesmo espaço educacional que a fração de classe dominada distinguindo o público das escolas públicas e privadas”.

As instituições privadas de ensino básico, de modo geral, objetivam o lucro e a inserção de seus consumidores em Universidades públicas, sendo o número de aprovados, frequentemente, utilizado para indicar sua qualidade.

Já no ensino público básico, estudantes e professores são submetidos a condições de sucateamento, dentre as quais: formação inadequada, condições de trabalho e salário digno dos professores; pouca motivação dos estudantes para frequentar às aulas e aprender, dentre outras; que favorecem a formação de um grupo numeroso de indivíduos que sai da escola sem dominar conceitos básicos e ingressa no mercado de trabalho. O resultado dessa estrutura foi, por décadas, o baixo índice de estudantes provindos de escolas públicas nas grandes Universidades do país (KATO, 2011).

Conforme afirmam Pereira, Raizer e Meireles (2010, p. 87): “para de fato pertencer “a todo o povo”, a universidade precisa ser repensada e criar mecanismos de inclusão desses segmentos historicamente excluídos de seu ambiente”, já que “as universidades públicas são mantidas inclusive pelos trabalhadores e desempregados que a elas não têm acesso”.

No contexto de acesso restrito das classes populares e de predomínio das classes hegemônicas ao ensino superior<sup>1</sup> público surgiram os cursinhos pré-vestibulares. Inicialmente criados como instituições privadas, esses cursinhos visam lucro sobre a educação e a aprovação dos estudantes nos vestibulares. Com o aumento da concorrência nos vestibulares, cada vez mais ganharam público, espaço e popularidade.

Whitaker (2010, p. 293) apresenta um breve histórico dos cursinhos no Brasil, concluindo que eles “se constituíram por um duplo movimento: por um lado, eram estratégias das elites para garantir a trajetória dos seus filhos em direção à universidade, enquanto, por outro lado, eram nichos atrativos para a efetivação de capitais em busca de expansão e lucros”. Eles

[...] passaram a ser uma mercadoria oferecida por grandes grupos empresariais, consumida inicialmente por jovens da classe média em ascensão, com fraco capital cultural. O conhecimento era, e ainda é, em grande parte transmitido com “aulas show”, métodos para decorar o conteúdo e não refletir sobre o que é apresentado, maneira antipedagógica, mas que apresenta resultados, e na qual, conforme a pesquisadora citada, há um “efeito cursinho”, proporcionando mais chances de aprovação. (VIEIRA; CALDAS, 2017, p. 142).

Em contraposição aos cursinhos privados, surgiram os chamados cursinhos populares, que se desenvolveram em quatro fases, segundo Castro (2005, p. 14-15): 1) na era Vargas, na década de 50, época em que as instituições deveriam se voltar aos interesses nacionais ao mesmo tempo em que o país assumia dependência aos interesses internacionais. Este quadro se manteve com o mandato de Juscelino Kubitschek e suas políticas desenvolvimentistas, este período foi o primeiro que se mostrou contra as práticas populistas. Os cursinhos vigentes na época eram: Cursinhos do Grêmio da Faculdade Politécnica da USP e do Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira, o CAASO, na USP de São Carlos; 2) no período da ditadura militar brasileira, onde os cursinhos populares recebiam auxílio da Teologia da Libertação para sua composição, pautando-se em práticas solidárias; 3) a partir

---

<sup>1</sup> A partir de 2004, uma série de programas do governo federal foi implementada e alterou em partes tal contexto: Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e Programa Universidade para Todos (ProUni).

dos anos 80 até primeira década de 2000, período em que houve uma reconstituição da democracia nacional. Entre as décadas de 70 e 80 os movimentos sociais se mostravam em esgotamento e, deste modo, foram criados os chamados “novíssimos movimentos sociais”. Neste período, os cursinhos populares estiveram atrelados às universidades públicas; 4) momento na qual os outros três períodos se encontram e que traz um retorno à prática e ao método da educação popular no Brasil. É a partir daí que se pode chamar esses movimentos de cursinhos populares, já que antes se encontravam atrelados a universidades ou às administrações municipais progressistas.

Segundo Castro (2005, p. 14), foi em meados dos anos 70 que os cursinhos populares ganham força no Brasil, principalmente dentro de campus universitários. Contudo, houve àqueles que se compuseram a partir de outros movimentos sociais, como por exemplo o EDUCAFRO, formado pelo movimento negro, que buscava representatividade em universidades públicas, política e mercado de trabalho.

Os cursinhos no contexto das universidades, se enquadram como projetos de extensão, compreendidos como articuladores entre educação, cultura e ciência com viés transformador entre a universidade e sociedade. O primeiro cursinho popular vinculado a universidade foi da Poli- USP em meados da década de 50, criado pelos estudantes da instituição. Cada vez mais o número destes cursinhos aumentou, principalmente na década de 80 e 90 (NASCIMENTO, 2013).

Os cursinhos populares têm uma luta em comum: objetivam a aproximação do abismo existente entre o ensino público nacional e o ingresso em universidades e podem ser considerados movimento de resistência, um “duplo movimento”, já que se preocupam com a preparação dos estudantes para as provas dos vestibulares e buscam articular discussões críticas acerca da sociedade, inclusive no que diz respeito ao injusto processo seletivo das universidades (PEREIRA; RAIZER; MEIRELES, 2010, p. 88). Sendo assim, os cursinhos populares auxiliam os estudantes a alcançarem o vestibular e a

refletirem sobre o sistema meritocrático na qual se inclui essas provas classificatórias.

No entanto, como expõe Whitaker (2010,) esses cursinhos populares apresentam diversas questões paradoxais, a partir do momento em que se enquadram num aspecto não formal de ensino, mas ao mesmo tempo estão quase institucionalizados na trajetória escolar das classes privilegiadas. Nesta lógica, eles se estendem as camadas emergentes no intuito de democratizar o acesso ao ensino superior, porém há controvérsias no que diz respeito a validade deste processo, já que se baseiam, de modo geral, em estratégias pedagógicas desprovidas de preocupações didáticas. Além disto, se vê necessária a articulação dos cursinhos populares à um auxílio psicológico e psicopedagógico, para que os estudantes entendam e reflitam suas reais condições e oportunidades.

No estado de São Paulo, a partir de levantamentos feitos por Kato (2011) foram identificados cerca de 68 núcleos de cursinhos populares, com peculiaridades e formas de organizações distintas. Contudo, sempre visando a democratização do acesso ao ensino superior e com algumas uniformidades em suas composições, dentre as quais foram destacadas:

- A organização, em sua maioria, preza relações horizontais, com deliberações realizadas via assembleias e reuniões com frequência estipulada pelo grupo e não contam com capital econômico, se mantendo, em sua maioria, por meio de doações de instituições públicas ou privadas;
- O corpo docente geralmente é composto por voluntários e universitários não remunerados, que podem receber auxílios dependendo do caso, como custo de transporte, materiais didáticos e bolsas cedidas pela universidade ou por instituições privadas;
- O alunado é composto por estudantes de baixa renda oriundos de escolas públicas, que procuram o cursinho buscando ascensão social e aprovação em vestibulares;
- A seleção de alunos por meio de um critério socioeconômico. Há cursinhos que em seu processo seletivo trazem especificidades, porém todos eles

apresentam o critério socioeconômico. Considera-se que a não utilização desse método de seleção invalidaria um cursinho como movimento de resistência;

- Para os professores voluntários, os cursinhos populares acabam se tornando laboratórios de experiências pedagógicas, já que a pluralidade e idealismo destes são muito marcantes, trazendo vivências únicas (PEREIRA; RAIZER; MEIRELES, 2010, p.88).

Os cursinhos populares tornam-se para os estudantes um espaço para formação de capital cultural e social, criando-se uma identidade de grupo e um sentimento de pertencimento (VIEIRA; CALDAS, 2017, p.144), sendo um dos únicos contextos que aproxima os educandos, em sua maioria trabalhadores, da realidade universitária, proporcionando vivências e trocas de experiências privilegiadas.

Em estudo realizado por Nascimento (2013), foi feito um levantamento das características dos cursinhos populares da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e estes apresentam diversas dificuldades em sua organização, como a falta de comprometimento dos membros, a dificuldade de encontrar professores, a falta de capacitação dos mesmos, a ausência ou reduzidas verbas para a manutenção das aulas, a precariedade de espaço físico adequado, etc. sendo a evasão estudantil um dos problemas mais recorrentes e preocupantes. Sendo assim, é evidente que a evasão se torna, segundo Silva et al. (2010, p. 70) uma importante temática dentro do contexto dos cursinhos populares.

Mas esse fenômeno não é exclusivo dos cursinhos populares. O abandono escolar, definido pela desistência dos estudos por apenas um período, e a evasão, caracterizada pela desistência permanente da vida escolar, se caracterizam como uma problemática nacional que aflige todos os níveis de educação (SILVA FILHO; ARAUJO, 2017, p. 39).

Os motivos que levam os educandos a se ausentarem do espaço escolar são diversos, abrangendo desde aspectos particulares até outros gerais, que envolvem a sociedade, dentre eles, a gravidez, a constituição da família, o número de irmãos, a frustração do aluno (consigo e com a escola), a dupla

jornada enfrentada pelos trabalhadores estudantes, os anos de defasagem já presentes no histórico do educando, os objetivos que os alunos tem com a escola, a demasiada pressa pelo ingresso no mercado de trabalho, dentre outros. (SOARES et al., 2015)

Assim, a discussão sobre evasão traz divergentes e complexas significações, que consideram fatores internos e externos como possíveis promotores da desistência dos alunos. Segundo Fornari (2010, p. 114-122), há autores que consideram esse fenômeno como:

1. Individual do estudante: a culpabilização da evasão se configura apenas por fatores que não estão ligados a instituição de ensino e o ambiente educacional não se responsabiliza nem por parcela da desmotivação e desistência de seus alunos. A culpabilização é individual e relaciona-se, por exemplo, à condição de vida, à presença da família, à desnutrição, à má alimentação, à necessidade de trabalhar, à falta de interesse e motivação dos alunos, dentre outros. Essa ideia valida o discurso liberal de que apenas o indivíduo é responsável pelo seu fracasso e não a organização social que se insere;
2. Individual do estudante e como consequência social: a desmotivação e evasão estudantil são compreendidas a partir de fatores externos e internos ao ambiente de ensino, sendo que este tem ferramentas para a manutenção dos alunos na instituição. Segundo Dubet (1997), o sentido da educação deve vir de dentro do ambiente de ensino, adaptando as aulas a partir do contexto e individualidade dos educandos. Além disso, autores da área dizem que a realidade social influi na forma de refletir e aprender dos estudantes, formando um ciclo auto-sustentável, onde aqueles menos favorecidos se manterão em suas posições por falta de insumos para a ascensão social;
3. Consequências do sistema econômico vigente: o processo de evasão estudantil está diretamente ligado com a dinâmica de mercado e a luta de classes, que se compreende dentro da dialética marxista. Nesse contexto a educação é compreendida como instrumento de transformação social, que

pode ser alcançada pela internalização de conhecimentos historicamente construídos pelos estudantes e o papel da educação é possibilitar a aquisição de conhecimentos sistematizados, visando a “superação do senso comum e a construção da consciência filosófica, pois somente com conhecimento profundo da realidade é possível pensar sua transformação num sentido emancipatório” (FORNARI, 2010, p. 118).

Neste estudo, a evasão é compreendida a partir do terceiro grupo de explicações, assumindo-se como central a presença de determinantes relacionados à estrutura do sistema capitalista e, conseqüentemente, às diferenças entre as classes, reconhecendo-se, ainda, que “as políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais” (ARROYO, 1993 apud SILVA FILHO; ARAUJO, 2017, p. 43).

Embora a evasão seja reconhecida como um processo complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante do espaço escolar que, requer diversas medidas, dentre elas, políticas públicas que visem o acesso e a permanência estudantil (SILVA FILHO; ARAUJO, 2017), compreende-se que algumas também podem ser tomadas para enfrentamento desse quadro, no âmbito das instituições, sejam elas escolas regulares ou cursinhos populares,

Nos cursinhos populares, uma possibilidade é favorecer, por meio de processos de autoavaliação, que os estudantes reflitam sobre seu desempenho e sua motivação e, tenham maior clareza dos fatores envolvidos no processo educacional. A avaliação é um processo que, possibilita a identificação e superação de dificuldades na educação, pois “[...]implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar obstáculos” (VASCONCELOS, 2008, p. 53). Ela está atrelada a uma concepção teórica de educação que, reflete uma concepção teórica de sociedade, podendo ser conservadora e reproduzir a ideologia hegemônica (LUCKESI, 2005, p. 28).

Na educação brasileira, de modo geral, a avaliação tem se restringido à aplicação de testes ou provas finais como forma de análise dos resultados

obtidos pelos alunos e tem sido aplicada na perspectiva da classificação que julga e estigmatiza o aluno (LUCKESI, 2005). De maneira arbitrária, acertos e erros são transformados em notas que são estabelecidas aos estudantes, levando a sua aprovação ou reprovação e dificultando que os estudantes retirem dela consequências significativas. A utilização de avaliação como fim e não como meio do processo de aprendizagem supõe a desatenção aos erros cometidos pelos alunos, ignorando a correção dos mesmos e a superação das dificuldades dos estudantes e valorizando o ensino centrado no professor. Não há reflexão sobre a individualidade destes e a pluralidade da sala de aula, sendo todos submetidos aos mesmos moldes classificatórios (MENDES, 2005), o que favorece um sistema de dependência dos estudantes a notas e uma desvalorização da avaliação no sentido apresentado por Vasconcelos (2008).

Esse modelo de avaliação traz uma concepção de educação tradicional, na qual os estudantes são sujeitos dominados e o professor assume um papel autoritário, reproduzindo, dentro do contexto educacional a divisão de classe da sociedade, contribuindo para que os alunos aceitem a submissão, julgamentos, recompensas e punições como processos naturais de nossa sociedade (MENDES, 2005).

Segundo Luckesi (2005, p. 43), “para não ser autoritária e conservadora a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento de identificação de novos rumos”. Uma das estratégias para que isso ocorra é a utilização de autoavaliação, enquanto “atividade de autocontrole refletido das ações e comportamentos do sujeito que aprende”, que envolve autoregulação, pois requer “um processo mental interno através do qual o aluno toma consciência dos diferentes momentos e aspectos da sua atividade cognitiva” (HADJI, 1997 apud SOUZA et al., p.3). Ela pode ser compreendida como

[...] a capacidade das pessoas de se darem conta de seu processo de aprendizagem e serem capazes de oferecer a si as informações necessárias para desenvolver sua aprendizagem, capacidade que exige o desenvolvimento de habilidades como a de observar a si mesmo, comparar e relacionar seu desempenho com os objetivos propostos, além de atitudes como honestidade pessoal para

reconhecer tanto seus sucessos como suas falhas, evitando as tradicionais desculpas (MASETTO, 2003, p. 174).

O processo autoavaliativo deve estar explicitado no projeto político pedagógico da escola e em seus objetivos de ensino, que por sua vez devem ser pensados em conjunto aos estudantes, levando em consideração especificidades e necessidades destes. (SILVA; BARTHOLOMEU; CLAUS, 2007). Além disso, deve ser contínuo, acompanhando a aprendizagem do estudante.

É esperado que nas primeiras vezes, os estudantes tenham dificuldades na autoavaliação, pois o processo escolar, de modo geral, não é focado no estudante e em sua aprendizagem, acarretando dificuldades no processo de auto-regulação. O fato de requerer que o estudante atribua notas para si mesmo, seguindo padrões avaliativos convencionais, sem que haja uma reflexão acerca dessas menções, pode leva-lo a atribuir notas elevadas para si mesmo e fazer com que professores sejam resistentes a utilização dessa forma avaliativa (SILVA, 2007, p.107).

Assim, a autoavaliação deve ser elaborada considerando-se a reflexão autocrítica dos estudantes, que devem observar avanços, evoluções, dificuldades, questionamentos entre outros, acerca do seu aprendizado e buscar os motivos internos e externos que auxiliam na formação deste quadro e as estratégias para a superação de dificuldades. Segundo Francisco e Moraes (2013),

Com o exercício constante da autoavaliação, os alunos são capazes de desenvolver sentimentos de responsabilidade pessoal e de apreciação da força dos empenhos individuais e de grupo. Aprendem a encarar prontamente as capacidades em várias empreitadas e a afinar suas oportunas potencialidades e contribuições e ainda desenvolvem a capacidade de análise contínua a qual leva em conta “[...] o que já aprendeu, o que ainda não aprendeu, os aspectos facilitadores e os dificultadores do seu trabalho, tomando como referências os objetivos de aprendizagem e os critérios de avaliação [...]” (VILLAS BOAS, 2008, p. 51); desta forma, consegue planejar suas ações. (FRANCISCO; MORAES, 2013 p. 14971-14972).

Considerando a autoavaliação como uma estratégia possível para favorecer que os estudantes de cursinhos pré-universitários reflitam sobre

fatores relacionados ao seu processo de aprendizagem e tenham clareza de seu desempenho, interferindo nos índices de evasão escolar, foi desenvolvido um estudo com o objetivo de elaborar um instrumento de autoavaliação e analisar a viabilidade de sua utilização junto a estudantes de um cursinho pré-universitário, vinculado a uma universidade pública do estado de São Paulo.

## **METODOLOGIA**

Considerando-se os objetivos propostos, este estudo envolveu a elaboração de um instrumento de autoavaliação e sua utilização com uma turma do extensivo de um cursinho pré-universitário vinculado à uma universidade pública estadual localizada no interior paulista, num total de 21 estudantes.<sup>2</sup>

### *O contexto do estudo: o cursinho pré-universitário*

O cursinho é denominado pré-universitário, pois objetiva não apenas o preparo para o vestibular, mas a compreensão ampla da realidade por parte dos estudantes, a partir de conhecimentos sistematizados. Ele é um projeto institucionalizado, financiado por uma universidade pública estadual de São Paulo e criado no ano 2000 pela articulação de estudantes vinculados ao centro acadêmico. Ao longo de 18 anos, o cursinho sofreu diversas alterações, no que diz respeito à nome, integrantes, formas de organização, identidade, entre outros, mantendo seu objetivo de trabalhar a favor democratização do acesso ao ensino superior e seu público alvo.

Ele está localizado em um município, do interior do estado de São Paulo. A cidade conta com aproximadamente 146 mil habitantes (IBGE, 2019), registrando uma densidade demográfica de 85 habitantes por km<sup>2</sup>. Na faixa

---

<sup>2</sup> No começo do ano de 2018, existia uma turma de semiextensivo e duas de extensivo, mas com o índice de evasão no decorrer do ano, no final do primeiro semestre as turmas foram reunidas em apenas uma e, devido à baixa frequência dos estudantes e ao limitado tempo das aulas, as fichas puderam ser reaplicadas apenas nessa turma de extensivo. No semiextensivo foi possível apenas uma aplicação, o que levou a desconsideração dos dados obtidos neste artigo.

etária dos 6 aos 14 anos há uma taxa de 97%, aproximadamente de escolarização. Além disso, o IDHM de Botucatu se encontra em 0,8, sendo o valor máximo para este índice 1 (IBGE, 2010).

Em 2018 o cursinho contava com 63 membros, sendo subdivididos em tutores<sup>3</sup>, orientadores, monitores, representantes de disciplina e representantes gerais. Todos os participantes do projeto obrigatoriamente são tutores, sendo estes responsáveis por ministrar as aulas. Os demais cargos do projeto são preenchidos de forma voluntária. Os monitores são responsáveis pela organização de simulados, certificados, patrimônio, meios de divulgação dentre outros. Os representantes de disciplina são responsáveis por organizar cronogramas, simulados e requerimentos da disciplina e os representantes gerais são aqueles que cuidam de aspectos burocráticos, e que representam o grupo em situações que não é possível ou permitida a participação de todos. Os orientadores, função nova no projeto, são aqueles que fazem um acompanhamento próximo dos estudantes. Cada orientador é responsável por até cinco alunos, estes mantêm uma relação próxima, que permite ao orientador auxiliar os estudantes, individualmente, na organização dos seus estudos, investigando e prevenindo a possível evasão dos cursistas. Mesmo com a subdivisão em cargos, o cursinho segue uma organização pautada na horizontalidade.

As aulas do projeto são ministradas de segunda a sexta-feira nos períodos da manhã, tarde e noite em salas de aulas da universidade e em escolas municipais da região, espaços cedidos pela universidade e pela prefeitura. Os conteúdos das aulas são aqueles previstos nos principais vestibulares do país, sendo articulado de modo valorizar os conhecimentos científicos, historicamente construídos, buscando-se possibilitar reflexão crítica aos estudantes. Além disso, são realizados seis simulados, visitas a museus, teatros, plantões de dúvidas, rodas de discussões etc.

Pelos dados de 2018, eram disponibilizadas cerca de 330 vagas, distribuídas em oito turmas de extensivo e semiextensivo, para comunidade

---

<sup>3</sup> Não é concedido o termo professor a esse cargo, pois, apenas três dos 63 membros apresentam a formação em licenciatura. Entende-se que denominar graduandos sem formação em licenciatura de professor seria desvalorizar a classe dos docentes.

local e regional, sendo aproximadamente 270 matriculados por ano, selecionados única e exclusivamente por critério socioeconômico. Ao final do ano, permanecem assíduos cerca de 100 estudantes, o que expressa o alto índice de evasão.

#### *A elaboração e a utilização do instrumento*

O instrumento autoavaliativo foi elaborado a partir de estudos sobre autoavaliação, da experiência de uma das autoras, como tutora do cursinho e de três princípios centrais à autoavaliação: 1-conhecimento de seu desempenho e de fatores à ele relacionados e 2- reflexão contínua sobre seu desempenho e 3 - o julgamento próprio dos estudantes, atingindo um processo considerado metacognitivo (SOUZA et al., 2007).

Ele foi utilizado no mês de junho, agosto e outubro de 2018. As aplicações foram realizadas no decorrer das aulas de uma mesma disciplina, com duração de aproximadamente 20 minutos. Nas aplicações, solicitou-se o preenchimento de uma tabela, com a indicação dos motivos para possíveis alterações de pontuações e indicações de desempenho e dificuldades em relação ao indicado nas outras fichas. Ao decorrer das aplicações era permitida a resolução de dúvidas por parte dos respondentes.

#### *Análise de dados*

A organização e análise dos dados foram realizadas, buscando-se ir além das aparências do conteúdo exposto e promover “relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática” (GOMES, 1994, p.79).

Inicialmente, os dados foram ordenados, a partir do mapeamento e organização dos mesmos. Em seguida, os dados foram classificados, partindo do pressuposto que eles não existem por si só, ou seja, carregam em si significações sendo que alguns dados podem ser aproximados, sendo possível realizar uma categorização. As categorias são criadas afim de classificar os dados coletados, seguindo um mesmo princípio de classificação;

estabelecendo uma organização para que todos os elementos possam estar contidos em alguma categoria e sendo exclusivas, ou seja, não há possibilidade de um elemento estar em mais de uma categoria ao mesmo tempo. (GOMES, 1994, p. 72). Na análise final foi realizada uma aproximação entre os dados sistematizados e a fundamentação teórica proposta no estudo, com base nos objetivos propostos (GOMES, 1994).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados foram organizados em instrumento elaboração e aplicação do instrumento.

### *Elaboração do instrumento autoavaliativo*

O instrumento foi elaborado, visando possibilitar a reflexão e a autocrítica dos estudantes, para que pudessem expressar e ter clareza de quais os motivos e dificuldades influem no seu desempenho e permanência no cursinho.

Assim, a elaboração das fichas tomou como base que, seu preenchimento levaria à uma interpretação por parte do estudante, de suas habilidades e atitudes frente ao seu desempenho no cursinho, tornando os aprendizes próprios avaliadores de seu processo de aprendizagem. O instrumento buscou trazer alguns elementos de uma lista de verificação, envolvendo diversos aspectos como: comportamento na instituição de ensino, aproveitamento de estudos, participação em trabalhos, hábitos, sentimentos, atitudes, interesses, preferências, aversões dentre outros. Além disso, foi considerada a liberdade que o estudante tem para incluir outros aspectos, (SILVA; BARTHOLOMEU; CLAUS, 2007).

Foi elaborada uma primeira versão e, com o objetivo de avaliar a adequação do instrumento, realizou-se um pré-teste, com outra turma de extensivo do mesmo cursinho, para 18 estudantes, presentes no dia. Após aplicação e análise dos resultados, poucas alterações foram realizadas, visando tornar mais claras a redação de algumas questões.

Na versão final, o instrumento foi organizado em três eixos:

- I. Identificação: cinco questões relativas ao perfil dos estudantes: nome, idade, trabalho, objetivo com o cursinho e pretensão de curso;
- II. Desempenho Geral: refere-se ao preenchimento de um quadro e duas questões, onde o respondente deve se auto avaliar, atribuindo pontos numa escala de 1 a 5 para os seguintes aspectos: frequência em aulas; realização de atividades solicitadas extraclasse; participação (Fazer perguntas, participar de discussões etc.); presença em atividades do cursinho (simulado, orientação vocacional etc.); estudos em casa; busca de atualidades relevantes ao vestibular e envolvimento para o bom andamento do cursinho e também existe um espaço de “outros” para que os estudantes adicionem demais aspectos que considerem importantes. Eles deveriam, ainda, utilizando a mesma escala anterior, pontuar seu empenho geral e assinalar dentre as alternativas expostas no instrumento aquelas que indicassem as consequências do seu desempenho: motivação; insegurança; desânimo; desmotivação; determinação e segurança;
- III. Dificuldades: envolveu o preenchimento de um quadro e a indicação da principal dificuldade para cumprir os aspectos listados anteriormente, assinalando, ainda, as consequências dessas dificuldades, dentre as opções: motivação; insegurança; desânimo; desmotivação; determinação e segurança

O instrumento foi elaborado para ser utilizado mensal e individualmente. A cada autoavaliação, o/a estudante recebia uma nova ficha para preenchimento dos mesmos aspectos e os dados das autoavaliações anteriores para analisá-los e compará-los com as novas respostas.

#### *Aplicação do instrumento*

O instrumento foi aplicado nos meses de junho, agosto e outubro de 2018, no decorrer das aulas de uma mesma disciplina, com duração de

aproximadamente 20 minutos. Nas aplicações, solicitou-se o preenchimento de uma tabela, com a indicação dos motivos para possíveis alterações de pontuações e indicações de desempenho e dificuldades em relação ao indicado nas outras fichas. Ao decorrer das aplicações era permitida a resolução de dúvidas por parte dos respondentes.

Os dados coletados nas aplicações foram organizados nos eixos existentes nos questionários: identificação, desempenho geral e dificuldades. Esses dados de identificação foram coletados na primeira aplicação e os de desempenho geral e dificuldades na primeira, segunda e terceira aplicação. Em relação à **identificação** dos participantes:

- 1- A faixa etária dos participantes varia de 16 até 36 anos, 15 são do sexo feminino e 6 do masculino;
- 2- Dentre os 21 respondentes, três trabalham e dois estudam. Quando essas atividades são somadas às atividades noturnas do cursinho, verifica-se a realização de uma jornada dupla diária. Além disso, uma estudante, além das atividades do cursinho ainda trabalha e frequenta a escola regular, resultando numa tripla jornada diária;
- 3- Os motivos para estarem no cursinho, são: inserção no ensino superior, citada por todos, obtenção de mais conhecimento (indicado por dois estudantes), “prestar concursos” e “alcançar sonhos”, motivos estes indicados por outros estudantes;
- 4- A pretensão de curso dos/as estudantes é diversificada, sendo que os citados foram: Medicina, Enfermagem, Nutrição, Medicina Veterinária, Biomedicina, Psicologia, Direito, Odontologia, Biologia, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Química, Estética, Matemática e Pedagogia. Quatro estudantes indicaram dúvidas dentre os cursos já listados, dois disseram não saber e um não respondeu.

Em relação aos motivos, apenas dois cursistas citaram ter entrado no projeto em busca de adquirir mais conhecimentos. Os demais buscam ingresso na universidade e/ou aprovação em concursos, desejos que trazem à tona o

objetivo de ascensão social dos mesmos. Esses dados são compatíveis como os expostos por Pereira, Raizer e Meireles (2010) sobre os anseios que levam esses estudantes a ingressarem no cursinho popular.

Na primeira aplicação, em relação ao **desempenho geral**, verifica-se que os/as estudantes não se autoavaliam de maneira positiva, como observado no gráfico 1:

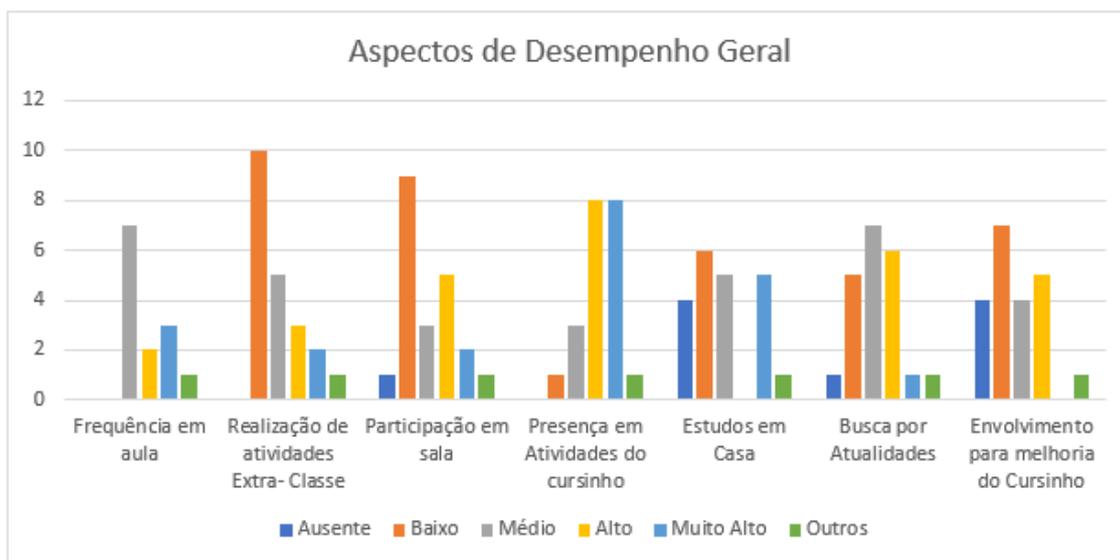


Figura 1- Gráfico 1- Aspectos do desempenho geral

Nenhum/a estudante indicou ter frequência baixa às aulas, ou seja, a maior parte deles considera sua presença às aulas mediana. Já em relação à realização de atividades extra-classe, à participação em aula e ao envolvimento com o cursinho, os/as estudantes indicaram baixo desempenho. Aproximadamente metade considerou baixa a realização de atividades extraclasse e cinco consideram alta. Na presença em atividades do cursinho (como palestras, visitas à museus, simulados etc.), o desempenho foi indicado como alto e muito alto. Cinco estudantes classificaram seus estudos em casa como muito alto, o que entra em conflito com os dados apontados na realização de atividades extraclasse, onde praticamente metade da turma relatou não as realizar. A busca por atualidades relevantes ao vestibular apresentou índices medianos. Quanto à contribuição para melhoria do projeto, as respostas apontam valores medianos, baixo e ausentes principalmente participantes classificam como mediano seu desempenho geral no cursinho e

indicam que este desempenho gera principalmente insegurança, desmotivação e desânimo; as respostas que não condiziam à questão foram alocadas no campo outros.

As respostas quanto ao desempenho dos estudantes podem ser reflexo de como percebem negativamente o que estão realizando no cursinho, o que pode colaborar para a evasão destes educandos. O fato do desempenho gerar insegurança, desmotivação e desânimo não é interpretado como problema individual do estudante, mas sim como reflexo de uma sociedade desigual, que limita os direitos de alguns, e de relações desumanas existentes na sociedade capitalista (SILVA FILHO; ARAUJO, 2017).

Ficou evidente o reconhecimento da dificuldade de participação em aula e de realização de atividades por parte dos estudantes, o que pode ser indicio do sentimento do fracasso escolar, que futuramente pode contribuir para a evasão.

Souza et al. (2015, p. 765) discutem a existência de um modelo de relação entre participação e identificação, considerando que a participação do estudante nas atividades propostas cria um sentimento de pertencimento ao espaço escolar, sentimento este que o integra e o faz ser participativo de todo o processo novamente. Quando quebrado esse ciclo, o aluno pode se sentir desmotivado, não participando e deste modo sentido- se excluído, apenas como um participante e não como integrante ativo desse espaço, acarretando numa possível evasão.

As dificuldades indicadas foram organizadas em dimensão subjetiva e objetiva, compreendendo-se a relação direta e intrínseca entre elas. A partir do exposto por Aita e Facci (2011), entende-se que a subjetividade como “uma propriedade do sujeito ativo”, que está se forma na realidade material, nas relações entre os homens e nas suas atividades, tornando o sujeito único e singular. Sendo assim, a dimensão subjetiva se forma a partir de uma dialética entre o mundo exterior e a interioridade do sujeito, tornando a objetividade indiretamente constituída na subjetividade e vice-versa. Deste modo, o que aqui iremos classificar como dimensão subjetiva, diz respeito a constituição interna desses estudantes, que carregam a sua singularidade refletida na

materialidade dialética existente na sociedade, enquanto a compreensão da objetividade refletirá àquelas dificuldades encontradas pelos estudantes em termos reais e existentes em nossa sociedade de maneira universal (AITA; FACCI, 2011).

Quanto às dificuldades na dimensão subjetiva foram indicadas, por exemplo: cansaço, falta de motivação, preguiça, desânimo, timidez, insegurança, vergonha, falta de interesse e de disciplina, falta de concentração, dificuldade com disciplinas específicas e na dimensão objetiva foram apontadas, dentre outras: emprego, falta de ambiente para estudo. Pelas respostas, verifica-se que as dificuldades apontadas trazem aos estudantes: desmotivação, insegurança e desânimo com o cursinho.

A partir das colocações de Castro (2005), entende-se que uma das grandes dificuldades dos cursinhos populares é a crença de que a melhoria das condições da educação básica pública resolveria o problema do acesso das classes economicamente desfavorecidas ao ensino superior. Entende-se que essa melhoria contribuiria para o acesso, mas que outras condições também são necessárias, como por exemplo a disponibilização de maior número de vagas pelas universidades. Neste sentido, compreende-se que a desmotivação e as dificuldades encontradas pelos estudantes não dizem respeito ao seu universo particular, mas sim à dinâmica exclusiva e elitista de nossa sociedade e na qual se encontra o processo do vestibular, ou seja, em um aspecto objetivo se faz presente na subjetividade desses estudantes, que vivenciam diariamente um processo de marginalização. Essa dinâmica contribui para o fato de muitos não acreditarem em seu potencial para a realização desses vestibulares, conforme descrito por Kato (2011).

Na segunda aplicação, em relação ao desempenho geral e às dificuldades, nos dados obtidos foi possível verificar diferentes perfis de respostas dentre os alunos, organizados em três categorias: 1-Superação de muitas dificuldades e melhora do desempenho geral; 2-Diminuição do desempenho geral e 3- Manutenção do desempenho geral.

Os estudantes que apresentaram melhoria em seu desempenho justificaram o ocorrido, principalmente, por motivos subjetivos. Relatam

estarem mais animados, determinados, motivados, com maior empenho, (principalmente nas disciplinas que tem mais dificuldades), aumentaram os períodos de estudo, se mostram mais participativos em sala pedindo auxílio em suas dificuldades para professores e colegas do projeto. Na primeira aplicação, disseram que o desempenho que apresentavam os desmotivava, desanimava e gerava insegurança, neste novo quadro relataram que o novo desempenho os motivava, animava e deixa-os seguros.

Soares et al. (2015, p. 770) apontam a necessidade de a escola promover estratégias para incentivar a motivação do estudante. Nesse sentido, pode-se considerar que algumas propostas do cursinho popular – objeto deste estudo – podem ter contribuído para essa mudança de perspectiva dos estudantes. Dentre elas, as estratégias de aproximação entre tutores e estudantes adotadas no ano de 2018, que por meio da função de orientadores acompanhavam de perto o rendimento, estudo e anseio do alunado. Possivelmente, essa estratégia aliada à utilização das fichas de autoavaliação pode ter contribuído para a alteração do quadro de motivação desses estudantes, que agora relataram estar animados e seguros frente aos estudos para o vestibular.

No que diz respeito aos que apresentaram diminuição no rendimento foram apresentadas justificativas objetivas e subjetivas. Os estudantes relataram que começaram a trabalhar e deste modo o tempo para estudo ficou mais escasso. Para superar essa dificuldade, eles citaram melhor organização e aumento do horário de estudos para finais de semana e madrugada. Outro motivo destacado foi o desinteresse e desmotivação crescente, justificados por problemas pessoais. Relataram que este quadro faz com que a vontade de ir as aulas diminua, assim como a realização de atividades relacionadas ao cursinho. Parte dos estudantes indicou que tentaria, mesmo nessa situação, superar essas dificuldades e se dedicar mais, contudo outros demonstraram não saber o que fazer, relataram estar extremamente desmotivados. Esse desempenho de maneira geral acarreta maior desânimo e insegurança nos estudantes, contudo alguns relataram se sentirem mais motivados a superar suas dificuldades.

As razões indicadas para desmotivação pelos estudantes também se fazem presentes em diferentes níveis da educação brasileira, em especial o trabalho diário atrelado à escola noturna (SOARES et al., 2015).

A partir desses resultados, os dados contidos nas duas primeiras fichas foram transcritos para a unificação em uma única ficha para a terceira aplicação, permitindo que os estudantes analisassem sua trajetória em apenas um documento. Assim, as tabelas existentes de desempenho e dificuldades e outros demais campos, foram alterados, existindo um maior número de colunas e linhas para que assim estes descrevam as novas experiências e compare com as anteriores. Também foram adicionados outros campos para expressão de motivos na qual surgiram alterações de desempenho e dificuldades e, possíveis estratégias para supera-las.

Na terceira aplicação, apenas cinco estudantes responderam. No entanto, um deles não utilizou o padrão exposto na ficha e suas respostas foram desconsideradas.

Assim, para análise das três aplicações da ficha foram considerados quatro estudantes, identificados como A, B, C e D. Na primeira avaliação, eles indicaram um desempenho mediano em sua auto-avaliação e no decorrer dos meses esse padrão se alterou, sendo que não houve autoavaliação que se enquadrou em padrões extremos, ou seja, nenhum estudante relatou ter desempenho médio geral ausente ou muito alto. O gráfico 2 expressa as notas que os estudantes atribuíram a si mesmos ao decorrer das 3 fichas no que se refere ao desempenho médio geral, portanto percebe-se que na escala de 1 a 5 estes apenas se avaliaram com valores de 2 a 4.

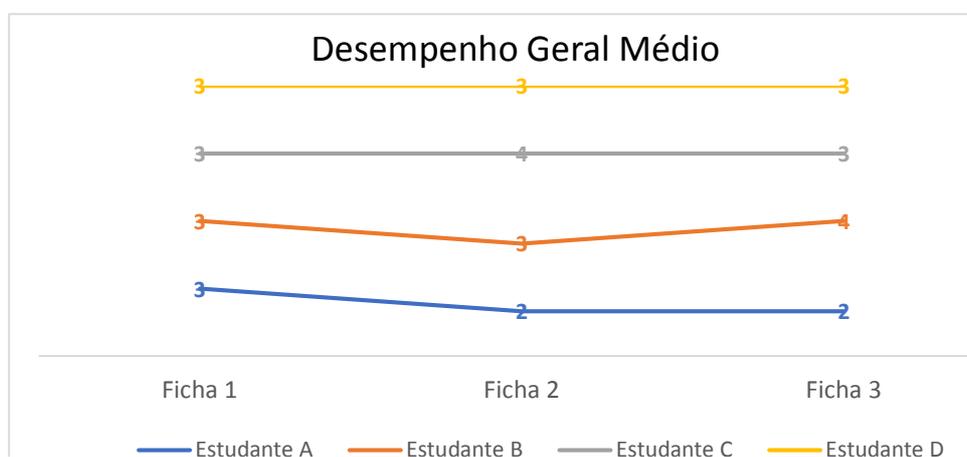


Figura 2- Gráfico 2- Desempenho geral nos tres momentos de autoavaliação

O estudante A relatou que a diminuição no desempenho gera desânimo e que os principais motivos para esse declínio se enquadram em aspectos subjetivos como preguiça, falta de interesse e desânimo; O estudante B foi o único que em seu quadro geral apresentou melhoria no desempenho e relatou que estes resultados geram determinação para passar no vestibular, e o principal motivo para esta melhoria diz respeito a chegada das provas, que motiva a estudar mais. O estudante C obteve melhoria em relação ao seu desempenho na ficha autoavaliativa 1 para a 2, porém decaiu na 3, mas não respondeu vários campos da ficha e apresentou justificativas contraditórias de o estudante D manteve desempenho médio linear, porém relatou que este quadro gera insegurança, desânimo e desmotivação.

Quanto às dificuldades, o estudante A indicou problemas pessoais e a ausência de acesso à internet em casa e para supera-las tentará se concentrar e prestar mais atenção nas aulas. O estudante B relatou ter dificuldades com a memorização de alguns conceitos, mas que cada vez se sente mais disposto, animado e “auto encorajado” para atingir melhor desempenho e expôs que esta melhora quanto ao desempenho se deu por maior comprometimento e compromisso com o cursinho. O estudante C reforçou ter dificuldade na área de exatas e que lhe falta tempo para realização de atividades extra- classe, gerando motivação e determinação. Já o estudante D relatou falta de interesse, problemas pessoais e vergonha ao se manifestar em sala de aula, não expondo estratégias para superação de dificuldades.

Dentre os cinco estudantes que preencheram a ficha, apenas um deles apresentou maior sucesso com relação a superação de suas dificuldades, relatando que, devido ao maior ânimo e interesse conseguiu lidar melhor com suas dificuldades. Dentre os outros quatro, um deles apresentou melhora em um aspecto, dizendo ter mais confiança para realizar perguntas em sala. A piora no quadro das dificuldades foi presente em dois aspectos de duas das fichas, sendo que um estudante relatou não ter mais acesso à internet em sua casa e outro em seu trabalho. Além disto, este mesmo estudante disse estar mais cansado do trabalho para frequentar as aulas. Os demais apresentaram

manutenção de suas dificuldades, na maioria das vezes pelos mesmos motivos ou pela substituição dos primeiros por outros, como por exemplo: um estudante anteriormente havia relatado não falar em sala por medo do julgamento dos colegas e na última ficha indicou como justificativa o não entendimento do conteúdo. Este mesmo estudante comentou que não estudava em casa por falta de silêncio e na ficha 3, por falta de vontade. Outro estudante relatou não pesquisar a respeito de atualidades anteriormente por preguiça, e no quadro atual o motivo é a falta de tempo.

Percebe-se que a alteração do quadro destes estudantes pode se configurar por aspectos objetivos e subjetivos, que influenciam em sua motivação para os estudos em dado momento. Os aspectos objetivos afligem diretamente a realidade destes estudantes como o trabalho, a ausência de internet, dentre outros, que se articulam à dimensão subjetiva, desencadeando uma série de sentimentos pessoais que intervêm em seus estudos e em outros parâmetros de sua vida. Estes estudantes fazem parte de uma sociedade que carrega desigualdades e injustiças, espelhando nos indivíduos tais fatores. Por isso, a desmotivação e a evasão escolar são compreendidas como consequência do sistema econômico vigente, o qual submete esses estudantes de baixa renda à manutenção de seu espaço social, refletindo a luta de classes e a predominância de interesses hegemônicos (AITA; FACCI, 2001; FORNARI, 2010).

No que diz respeito a utilização da ficha de autoavaliação, verifica-se que os estudantes nunca tiveram, ou tiveram pouco contato com essa proposta de avaliação. Eles apresentaram muitas dificuldades com o preenchimento, mesmo mediante a prévia explicação, deixando muitos campos em branco ou preenchendo-a de maneira equivocada. Essas dificuldades podem ser decorrentes da característica arbitrária e autoritária de processos avaliativos ao longo da história escolar dos estudantes, assim como do uso frequente da avaliação com fins classificatórios e da utilização autoavaliação como uma prática de apenas atribuição de notas a si mesmos sem realização da atividade reflexiva fundamental a este processo (SILVA, 2007).

O tempo médio para preenchimento foi de 20 minutos, o que dificulta sua utilização constante pelo cursinho, pois o tempo de aulas já é menor que o necessário para o comprimento do cronograma e seria difícil introduzir mais essa atividade. O ideal para a utilização desta ficha seria a criação de um momento mensal, destinado apenas ao seu preenchimento, o que evitaria prejuízos com relação ao cumprimento do cronograma para uma disciplina específica, já que seria um período previsto desde o planejamento anual, com utilização de pequena parcela de tempo, quando comparado com a carga horária mensal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A elaboração de um instrumento de autoavaliação buscou inserir os estudantes em um campo reflexivo sobre suas atitudes, desempenho, empenho e dificuldades no cursinho popular, promovendo processos metacognitivos, já que o estudante toma consciência das atividades que realiza.

Propostas deste tipo não são frequentes em cursinhos e, em especial, neste contexto nunca havia sido realizada. No entanto, sua utilização se faz extremamente necessária e, quando realizada de maneira contínua, possibilita ao estudante criar um sentimento de responsabilidade pessoal e de análise do seu empenho e do grupo, onde é possível identificar dificuldades e barreiras.

As principais dificuldades identificadas foram limitação na compreensão e entendimento do processo de autoavaliação pelos estudantes; o preenchimento errado da ficha e o tempo utilizado para a realização da mesma, de apenas uma aula em específico. Como já discutido, essas dificuldades são reflexo da frequente exclusão do estudante do processo de avaliação da aprendizagem, sendo que quando ele se depara com processos que envolvem a autorreflexão é gerado estranhamento aos mesmos.

Mesmo com algumas limitações, a proposta proporcionou uma experiência nova e diferenciada aos estudantes e resultados relevantes, possibilitando identificar que as maiores dificuldades e motivos que fazem com

que os estudantes de sintam desmotivados e evadam se relacionam à dimensão subjetiva. Desmotivação, cansaço, falta de interesse, preguiça, insegurança e desânimo foram palavras citadas diversas vezes ao decorrer do estudo, sendo compreendidas como atreladas à realidade do mundo objetivo, pois o mundo subjetivo e objetivo são integrados, numa perspectiva dialética. O campo objetivo sempre influenciará a subjetividade do indivíduo e na realização das atividades em cursinhos populares essa articulação deve ser considerada, entendendo-se que o alunado desses cursos é oriundo das classes trabalhadoras e de escolas públicas.

Conforme exposto anteriormente, compreende-se a subordinação dos fatores subjetivos ao sistema social vigente, que coloca os estudantes em situação de marginalização social, considerando sua origem socioeconômica. Esses estudantes têm significativa defasagem de aprendizagem, o que torna mais difícil a compreensão de determinados conceitos, que deveriam ter sido aprendidos no decorrer de toda sua formação escolar. Assim, diante deste cenário, os estudantes sentem-se incapazes, o que os desmotiva.

É função do cursinho popular trazer o debate exposto neste estudo aos estudantes, possibilitando que eles compreendam a dinâmica na qual estão inseridos, evitando a culpabilização individual, a partir do entendimento das contradições e injustiças expressas nos vestibulares e na sociedade de classes.

Diante este quadro, entende-se como adequada e necessária a utilização do instrumento elaborado neste estudo, com os ajustes necessários. Considera-se, ainda, que conceitos sobre autoavaliação devem ser trabalhados com os estudantes, pois talvez tenham este momento como única oportunidade para a realização deste tipo de reflexão.

A possibilidade da reflexão crítica pelos/as estudantes sobre seu desempenho, entendendo seus condicionantes sociais mais amplos deve ser elemento central em cursinhos populares, que objetivam a democratização do acesso ao ensino superior e a emancipação político e social de seus/suas estudantes.

## REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: Uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2011.

CASTRO, Cloves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil**. 114f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2005.

FORNARI, Liamara Teresinha. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 1, 2010.

FRANCISCO, Julaine Guimarães Gonçalves; MORAES Dirce Aparecida Foletto. A autoavaliação como ferramenta de avaliação formativa no processo de ensino e aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11, Curitiba. Seminários..., 2013.

FIDALGO, Sueli Salles. A avaliação na escola: um histórico de exclusão social-escolar ou uma proposta sociocultural para a inclusão?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 2006.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

IBGE. **Cidades e Estados**: Botucatu. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/botucatu.html>>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

KATO, Danilo Seithi. O papel dos cursinhos populares nos acessos e mudanças de perspectivas de seus participantes. **Caderno CIMEAC**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. In: LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTON FILHO, Marcos Antonio. et al. O aluno que evade: comparação entre alunos selecionados por critério socioeconômico e por conhecimentos gerais. **Revista Ciência e Extensão**, v. 8, n. 3, 2012.

MASETTO, Marcos Tarcísio. Processo de Avaliação e Processo de Aprendizagem. In: MASETTO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 2015.

MEC. **Perguntas frequentes**. Brasília: Portal MEC, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>>. Acesso em: 2 set. 2020.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: Reflexões e Alternativas possíveis. In: PASSOS, Ilma. VEIGA, Alencastro. NAVES, Marisa Lomônaco de Paula (Org.). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005.

NASCIMENTO, Daniela do. **Política de acesso ao ensino superior: uma análise dos cursinhos pré-vestibulares da Unesp**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2013.

PEREIRA Thiago Ingrassia; RAIZER, Leandro; MEIRELES, Mauro. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 17, n.1, 2010.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2017.

SILVA, Kleber Aparecido da; BARTHOLOMEU, Maria Amélia Nader; CLAUS, Maristela M. Kondo. Auto-avaliação: uma alternativa contemporânea do processo avaliativo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, 2007.

SILVA, Richardson Barbosa Gomes da. et al. Evasão no cursinho pré-vestibular da FCA/UNESP: a interpretação do aluno evadido. **Revista Ciência e Extensão**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2010.

SILVA, Robson Carlos da. A auto-avaliação como instrumento de conscientização de alunos de um curso de especialização lato sensu. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 10 n. 2, 2007.

SOARES, Tufi Machado. et al. Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, 2015.

SOUZA, Ana Paula de; SILVA Herbert de Almeida; INFANTE-MALACHIAS, Maria Elena; CORREIA, Paulo Rogério Miranda. O papel do exercício crítico-reflexivo na promoção da auto-avaliação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6, 2007, Florianópolis. Atas... Florianópolis: ABRAPEC, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Finalidade da Avaliação. In: VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2008.

VIEIRA, Derik Neves; CALDAS, Roseli Fernandes Lins. Os sentidos e os significados do cursinho popular: história de vida. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, 2017.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, 2010.

*Recebido em: 16/07/2019*

*Aprovado em: 19/04/2020*

